



## Identidade e coletividade italiana em Porto Alegre: Um estudo de Caso

Fernanda Trentini Ambiedo<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo surge a partir da dissertação da autora<sup>2</sup> que analisou a trajetória de um imigrante siciliano em Porto Alegre e seus meios de inserção, principalmente profissional, no contexto gaúcho desde sua chegada em 1925 até o fechamento de sua fábrica de gênero alimentício em 1968. O artigo está dividido em duas partes principais, primeiramente terá uma breve revisão histórica das maneiras de reunião da coletividade italiana no Rio Grande do Sul, com uma análise das principais formas de inserção destes grupos migratórios em diversas cidades gaúchas, principalmente nas regiões não conhecidas como central do processo migratório, como as cidades fronteiriças. A segunda parte é a revisão da coletividade italiana em Porto Alegre, e uma análise sobre as formas de associação de um grupo específico imigratório a partir da Banda Municipal de Porto Alegre.

**Palavras-chave:** Imigração Italiana; Identidade Cultural; Imigração Urbana.

### Italian identity and collectivity in Porto Alegre: A study case

**Abstract:** This article emerge from the master dissertation of the author, which analyses a sicilian immigrant trajectory in Porto Alegre and his ways of inserction, mostly in a professional way, in a “gaúcho” contexto, since the arrive in 1925 until the closure of his fabric in 1968. The article was divided in two parts, firstly we’ll have a brief historical review of the reunion behaviour of the italian collectivity in the Rio Grande do Sul. With an analysis of the principal forms of inserction with this migratories groups in diverses “gaúchas” towns, mostly in regions not knowledge as central in the process, as how the border cities. The second part’s a review of the italian collectivity in Porto Alegre, and an analysis about the way of association in an especific group, from the Municipal Band of Porto Alegre.

**Keywords:** Italian Immigration; Cultural Identity; Urban Immigration.

### Introdução

Este artigo surge a partir da dissertação da autora que analisou a trajetória de um imigrante siciliano em Porto Alegre e seus meios de inserção, principalmente profissional, no contexto gaúcho desde sua chegada em 1925 até o fechamento de sua fábrica de gênero alimentício em 1968.

A trajetória deste sujeito, José Pappalardo inicia-se em 1925 quando entre seus 17 ou 18 anos migra após um chamado de seus irmãos para Buenos Aires (Argentina), que no momento era um dos principais polos de atração migratória. A migração de José e de seus irmãos foi causada por uma crise econômica que afligiu principalmente o sul italiano, causando a falência da pequena fábrica da família nos primeiros anos da segunda década do século XX.

1 Doutoranda e mestra em História pelo Programa de Pós-Graduação em História pertencente à Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Graduada em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Atualmente bolsista de doutorado em nível de dedicação exclusiva do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). E-mail: fernanda.ambiedo@acad.pucrs.br.

2 Pesquisa financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal em Nível Superior (CAPES) entre 2016 a 2018.

Porém, após três meses em Buenos Aires, José estava trabalhando na mesma fábrica que os irmãos e não pôde resistir à nova possibilidade profissional que lhe fora oferecida por dois compatriotas músicos e maestros, que residentes na capital gaúcha, estavam organizando a composição da nova Banda Municipal de Porto Alegre (PAPPALARDO, 2015, p. 1). Seus nomes eram Giuseppe Corsi e Giuseppe Leonardi, este último também siciliano da província de Catania, e que tinha vivido também por um tempo em Buenos Aires. Os dois músicos ítalo-gaúchos estavam viajando entre Uruguai e Argentina para recrutar possíveis integrantes peninsulares para a banda, que se tornou o principal conjunto musical rio-grandense. José e Nicolau Pappalardo, especializados em tocar clarinete e oboé, se deixaram seduzir por esta oportunidade e se transferiram para Porto Alegre. Poucos meses depois, o terceiro irmão, Salvador, chegou também na capital gaúcha (PAPPALARDO, 2015, p. 1). Aqui, em 1930, os três Pappalardo abriram uma fábrica de massas alimentícias e estabeleceram definitivamente residência, abrileirando também os seus próprios nomes.

Falando especificamente da Banda Municipal, local considerado neste artigo como local que simbolicamente trazia a lembrança da cultura italiana, conforme entrevista feita com a filha do personagem pesquisado, o seu pai sempre pretendia tocar músicas dos artistas italianos pois eles sim “fariam a verdadeira música” (PAPPALARDO, 2015.). A Banda Municipal de Porto Alegre era um projeto desde 1924, quando começaram a ser procurados professores de música para a Banda, porém apenas em 8 de abril de 1925 é aberto edital no jornal A Federação, procurando músicos estrangeiros para cobrir a falta de algumas especialidades em Porto Alegre (CONEDERA, 2017, p. 183). Em 1926 foi viabilizada a participação de estrangeiros na banda, o primeiro concerto ocorreu no Teatro São Pedro, enquanto as obras do Auditório Araújo Vianna não estavam concluídas. Logo, entender as relações de José Pappalardo com a Banda Municipal e assim, com a coletividade italiana local é fundamental para compreender os mecanismos de integração entre os diversos imigrantes que escolheram o estado gaúcho como local de enraizamento.

Este artigo está dividido em duas partes principais, primeiramente terá uma breve revisão histórica das maneiras de reunião da coletividade italiana no Rio Grande do Sul, com uma análise das principais formas de inserção destes grupos migratórios em diversas cidades gaúchas, principalmente nas regiões não conhecidas como central do processo imigratório, como as cidades fronteiriças. A segunda parte é a revisão da coletividade italiana em Porto Alegre, e uma análise sobre as formas de associação de um grupo específico imigratório a partir da Banda Municipal de Porto Alegre.

### **Coletividade italiana no Rio Grande do Sul**

Quando pensamos sobre a imigração italiana para o Rio Grande do Sul muitas vezes caímos no discurso comum de que os imigrantes vieram a partir de uma iniciativa política brasileira e ocorreu apenas em função deste apoio financeiro às companhias de navegações, em sua maioria genovesas, e com famílias pobres que sofriam os principais reflexos da recém unificação da Itália, como falta de empregos e a América seria o “Eldorado” onde não faltariam oportunidades nem pobreza (MANFROI, 2001 p. 44). Estas famílias normalmente direcionadas a locais considerados como “terras devolutas” no interior do estado gaúcho, usualmente próximas a regiões fluviais como a dos Sinos, Jacuí e o Taquari (SCHMIDT, 2015, p. 75) construía uma cultura de proprietário da terra, mas não permanecendo apenas nos locais que

foram direcionados, mas sim se movendo dentro do território sul brasileiro e entre os países do Conesul Americano como Argentina e Uruguai.

Contudo, nota-se que logo após a Revolução Farroupilha, entre 1835 e 1845, e durante ela também, temos a presença efetiva de italianos seguidores principalmente dos “conhecidos” nomes de Giuseppe Garibaldi e Luigi Rosseti (CONSTANTINO, 1990, p. 20). Estes grupos que antecederam o período da grande imigração (1875 – 1914) usualmente consolidaram-se oferecendo a população local comércios que difundiam a sua presença a partir de propagandas em jornais étnicos da época. Por exemplo, é percebido a partir de estudos sobre registros paroquiais desse período prévio que por volta de 1850 já existia uma comunidade de aproximadamente 41 famílias italianas concentradas apenas em Porto Alegre (DE RUGGIERO, 2015, p. 391).

No entanto, é após a Guerra do Paraguai (1870) que vamos perceber a presença desses italianos em novas ocupações (principalmente artesanais e artísticas) e em diversos tipos de comércios em demais centros urbanos gaúchos. Evidencia-se a fundação de associações italianas anteriores ao processo de colonização italiana (1875), a primeira associação foi na cidade de Bagé, a *Società italiana di Mutuo Soccorso Beneficienza* (1870), posteriormente em Pelotas, a *Unione e Filantropia* (1873), e em Sant’Ana do Livramento a *Società Italiana di Mutuo Soccorso Giuseppe Garibaldi* (1873) (DE RUGGIERO, 2015, p. 397). É curioso verificar que estes grupos são formados para o auxílio filantrópico de imigrantes recém chegados e pela sua localização fronteiriça favorecia os imigrantes que chegavam ao Brasil por caminhos atípicos, pelos países vizinhos como Argentina e Uruguai.

Considerando o contexto pelotense dentre estas cidades fronteiriças, a presença estrangeira foi notada pelo historiador Marcos Hallal dos Anjos (1996, p. 61) e considerada fundamental para a construção da cidade de Pelotas,

Variada e intensa foi a participação de estrangeiros no ambiente urbano de Pelotas na segunda metade do século passado. Mesmo sem radicar-se na cidade o estrangeiro participou do processo de modernização desta através da atuação de técnicos europeus, em especial arquitetos e engenheiros, responsáveis por obras de saneamento, transporte e embelezamento.

Os italianos em Pelotas estavam inseridos principalmente no ramo hoteleiro, é percebido a partir de periódicos, os hotéis “Garibaldi”, “Brazil”, “Piemonte”, “Itália” e “Hotel Aliança” eram pertencentes a empreendedores italianos (ANJOS, 1996, p. 85). Os profissionais técnicos na cidade muitas vezes eram estrangeiros durante o final do século XIX e início do XX, eles trabalhavam como funileiros, carpinteiros, alfaiates, ferreiros, sapateiros, barbeiros, tintureiros, entre outros. Além disso, há evidência de arquitetos italianos, como José Izella Merote e Guilherme Marcucci (CONEDERA, 2017, p. 76).

A cidade de Rio Grande acolheu um número expressivo de imigrantes oriundos da península e a maioria encontrava-se inserida no setor industrial e comercial, mas contando também com artesãos desde meados do final do século XIX. A coletividade italiana de Rio Grande foi responsável pela fundação da *Società di M.S. e Cooperazione*, que contava com 3.500 imigrantes radicados na década de 1920 (CUSANO, 1920, p. 77).

Por fim, na região sul do estado gaúcho, temos a cidade de Bagé que se destacou por ter sido lá fundada a primeira sociedade de italianos no Rio Grande do Sul. No contexto de formação desta imigração à cidade de Bagé temos os irmãos Nocchi, expoentes no ramo comercial, ambos eram toscanos da cidade

de Pisa, que possuíam uma casa de importação e exportação especialmente de produtos típicos italianos para o Brasil. (CINQUANTENARIO, 1925, v. II, p. 282).

Essa presença peninsular é verificada até mesmo em cidades de fronteira como Sant'Ana do Livramento, São Borja, Uruguaiana, Santa Vitória do Palmar e Alegrete usualmente não analisadas pela ser foco de imigração italiana neste período de mudança de século. No caso de Sant'Ana do Livramento contou especificamente com um grupo de peninsulares que se caracterizou pela atividade comercial; sabe-se que a coletividade era composta por imigrantes advindos de diferentes partes da península, como sujeitos oriundos da Ligúria e da Campania (CAGGIANI, 1991).

Um caso similar é o de Santa Vitória do Palmar, próxima ao Chuí na fronteira com o Uruguai, que desde as últimas décadas do século XIX apresentava uma comunidade de italianos em sua maioria provenientes do sul italiano. Podemos citar como exemplo o caso do comerciante Antonio Rotta que chegou ao município em 1869 e que serviu como suporte para redes de compadrio favorecendo a imigração de diversos indivíduos oriundos de seus *paese* de origem, *Pedace* (DE RUGGIERO, 2015, p. 175).

A coletividade italiana no Brasil habitualmente se encontrava através de reuniões em associações de mútuo socorro, no caso do Rio Grande do Sul houve um número relevante destas entidades, como a Sociedade Italiana *Principessa Elena di Montenegro* em Porto Alegre, Sociedade Italiana di *Mutuo Soccorso Beneficienza* em Bagé e Sociedade Italiana de *Mutuo-Socorro Principi di Napoli de Caxias do Sul* como já foi comentado anteriormente.

Associações culturais são os locais onde se tornou possível manter a lembrança de sua origem, além de proporcionar aos migrantes redes de apoio. Christofolli (2005, p. 64) nos remete ao período de repressão sofrida por estes grupos étnicos durante o Estado Novo (1937 – 1945) em que as associações serviam como locais onde era possível exteriorizar a música e os idiomas dos imigrantes. A definição de como estas associações se organizavam e principalmente, qual era o seu objetivo, conforme Constantino:

A fundação de uma sociedade italiana (...) demonstra um objetivo comum que é o de querer ser italiano, identificar-se e ser identificado como tal. Isto é possível porque é iniciativa de indivíduos que tem posição social, por vezes com destaque no comércio e nas artes, indivíduos que demonstram razoável nível cultural, desenvolvendo atividades na zona urbana onde progridem economicamente. (CONSTANTINO, 1990 p. 74).

Estas associações também serviam como fonte de auxílio ao imigrante que por motivo de doença ou impossibilidade de trabalhar. Criando um abrigo àqueles mais necessitados (ZANINI, 2007 p. 533). Porém a identificação étnica deste grupo se torna peculiar ao olhar de muitos, eles formam um grupo coeso e unido, mas as identidades étnicas e culturais dentro da recém unificada Itália são plurais.

Entre as ações sociais historicamente voltadas para a promoção e consagração de uma "italianidade" temos as associações étnicas de italianos, as escolas italianas (como a Dante Alighieri), os jornais italianófilos, a igreja católica – sobretudo os franciscanos – e o consulado italiano no Brasil. São todas elas tentativas mais ou menos organizadas de promover o engendramento de uma "italianidade" no Brasil, com maior ênfase no sul do país. Por meio dessas ações criou-se a representação de que à italianidade corresponderia determinado conjunto de valores, usos, costumes e práticas específicas atribuídas a certa população com características socioculturais em comum, isto é, aqueles que podem ser considerados como italianos ou descendentes por nascimento (*jus soli*) ou sangue (*jus sanguinis*). Acontece que esses grupos amiúde não são homogêneos como quer o discurso sobre eles, como é o caso dos imigrantes italianos e sua prole no Brasil. (BAO, 2015 p. 3).

Logo, esse associativismo serviu não apenas para manter a memória do imigrante, a sua língua e seus traços culturais, mas também favoreceu a criação de uma rede de apoio mútuo, tanto para aqueles que já estão radicados, como aqueles que estão apenas por passagem e principalmente para os recém chegados.

### Coletividade italiana em Porto Alegre

A coletividade italiana em Porto Alegre se torna peculiar principalmente pelo fato de que se ressaltava sobretudo pelos estudos de Constantino (1990) de que o grupo calabrês expõe uma coesão étnica e de resistência perante as influências da sociedade local:

As peculiaridades do grupo deveriam desaparecer como aconteceu com outros grupos de imigrantes meridionais, especialmente sicilianos e napolitanos, em razoável número na cidade. Mas os italianos de Morano Calabro apresentam resistência à perda de identidade, mantêm identidade étnica, permanecem identificados e se identificam como moraneses até os nossos dias, formando com seus descendentes um grande grupo maciçamente posicionado nas classes intermediárias. (CONSTANTINO, 1990 p. 309).

Os moraneses se reuniam em uma sociedade chamada *Moranesi Uniti* desde 1924, porém ela não teve uma longa história mas a simples existência dela demonstrou a pretensão em se unir e permanecer com a memória e a cultura moranesa viva (CONEDERA, 2012 p. 136). Outro sinal dessa permanência é o uso dialetal calabrês dentro do grupo que seguiu em Porto Alegre, que apresentou poucas alterações, se tornando símbolo de resistência étnica.

Outro grupo étnico de forte presença na capital gaúcha é a dos sicilianos, no qual José Pappalardo estava inserido, que teve como característica a sua total integração com os nacionais, diferentemente do grupo de Morano Calabro. Os sicilianos muitas vezes mantiveram algumas características de sua identidade étnica, porém sem exercer ela em associações ou grupos formalmente organizados como outros. O historiador Leonardo Conedera (2012 p.137) constatou em sua dissertação de que a influência da não-construção de uma associação foi o número restrito de imigrantes procedentes da Sicília e radicados em Porto Alegre, diferentemente dos moraneses que além de serem um grupo numerosamente bem maior, permaneceram unidos facilitando as redes de reciprocidade e auxílio aos que um dia viriam emigrar.

Não houve a iniciativa destes imigrantes para organização de uma associação ou de ambientes que pudessem realizar a integração entre sicilianos moradores da capital gaúcha. Mesmo diante dos fatores elencados o nosso personagem estava envolvido diretamente a italianos, mais especificamente, aos sicilianos que com ele compunham o quadro de integrantes da Banda Municipal de Porto Alegre. Logo, mesmo sem ter tido o estabelecimento “oficial” de uma associação da coletividade siciliana em Porto Alegre, estes imigrantes se integraram a partir de outras instituições. Luzivotto (2009, p. 29) que observa que necessariamente não precisa haver uma associação para que haja uma identificação.

Quando se pensa na possibilidade de identificação étnica, corre-se o risco de buscar grupos culturais fechados e estáticos, de buscar uma filiação, um nome, um recorte geográfico. No entanto, a questão não é tão simples. Mesmo que os registros históricos fornecessem as pistas necessárias para esse tipo de identificação, ou de qualquer outra natureza de fonte acadêmica, esses dados não teriam, por si sós, autoridade para desenhar um mapa deste percurso, na medida em que os grupos humanos e a construção da identidade étnica são extremamente dinâmicos e flexíveis. (LUZIVOTTO, 2009 p. 29).

A Banda Municipal de Porto Alegre era simbolicamente o local que agregava um número significativo de patrícios, muitos destes sicilianos. Entre eles o maestro José Leonardi, José Corsi, José

Pappalardo, Eugenio Bonocore, José Pappa, Salvador Campanella integrantes da Banda faziam desta um local de rememoração de sua identidade, como recorda Leonardo Conedera

No caso dos músicos italianos – que integraram a Banda Municipal de Porto Alegre – esses possuíam no exercício da sua prática profissional, inevitavelmente, uma relação cotidiana com elementos vinculados à terra natal, pois através dos programas executados semanalmente sempre tocavam composições ligadas à Itália. Isto é, os artistas tocavam Giuseppe Verdi, Arrigo Boito, Giacchino Rossini, Vincenzo Bellini, Gaetano Donizetti, Francesco Cilea, entre outros compositores que não apenas expressavam sons comuns aos ouvidos peninsulares, como também letras que remetiam à língua e à cultura italiana, que se expandiram por todo o globo através das inúmeras obras produzidas pelos compositores originários da Península. (CONEDERA, 2017, p. 224).

É fundamental pensar na identidade étnica como algo mutável, entendendo que há um dinamismo entre a cultura e a etnicidade. O grupo não continuará com os mesmos aspectos culturais permanentemente, principalmente quando se aproxima de uma cultura diversa. Em consequência de fatores externos ou internos estes aspectos se transformam com o passar do tempo (LUVIZOTTO, 2009 p. 33). Isso pode ser apurado com a lembrança de Paulo Leonardi Paranhos, descendente do maestro José Leonardi, em entrevista que lembrou que Pappalardo certa vez ressaltou que ao invés de executarem canções de músicos italianos, como Corelli e Vivaldi, só tocavam Bach. “A verdadeira música era a italiana, isso ressaltava a predileção de muitos dos músicos da Banda Municipal em trabalhar e lidar com os trabalhos da terra natal” (CONEDERA, 2017 p.226).

Como Regina Weber (2006, p. 237) sugere de que imigrantes de uma mesma nacionalidade sempre serão mescladas por distinções culturais internas, se distanciando de uma ideia de “origem comum”, para o estudo destas características étnicas Weber ressalta a importância de aproximar diversos campos, como antropologia e história,

Aproximar o campo dos estudos de imigração à temática da etnicidade significa incorporar, às análises que operam com demografia, processos históricos mais amplos, transformações econômicas e políticas e descrições de costumes, outras que lidam com processos que não são mensuráveis e cujos resultados pouco se prestam à enumeração, isto é, cujo objeto é cambiante e sem contornos definidos, estando sujeito a reelaborações conforme as circunstâncias, mas que, mesmo assim, possui uma dimensão sincrônica. (WEBER, 2006 p. 237).

Os imigrantes italianos ao deixar a Itália não eram italianos, mas sim venezianos, napolitanos, sicilianos, moraneses, etc, e só se tornam italianos ao chegar na América, por isso é necessário ao analisar os aspectos culturais e étnicos na cidade de Porto Alegre separando-os por *paese* (SCHMIDT, 2015 p. 68). Antes de discorrermos sobre a identidade coletiva italiana, é pertinente verificar a definição que Anthony Smith dá para a identidade individual, resultado de uma dicotomia entre individual e coletiva.

A individualidade apresenta múltiplos papéis, e assim identidades. Ele divide em certas categorias fundamentais para formar esta identidade seriam: família, étnico, religião, gênero sexual, classe social, espaço e território, que se baseiam em classificações sociais e podem ser modificadas e/ou abolidas (SMITH, 1997 p. 22). Portanto, é fundamental pensar que apesar desta classificação de categorias para a formação de identidades, é preciso refletir que a existência de uma identidade coletiva presume uma união de elementos que também separa estes imigrantes.

A identidade coletiva pressupõe um consenso entre os elementos que os unem e os que os separam. São europeus e, por isso, são tratados como tais. Essa identidade os une e os separa dos demais habitantes.

Nesse cenário, é possível afirmar que os membros de uma cultura utilizam seus conteúdos para interagir, explicar, justificar e manter sua consciência coletiva. (HERÉDIA, 2005 p. 241)

Porém, a identidade étnica italiana, segundo Brum (2003, p. 68), se torna existente quando se parte. O sentimento de pertencimento virá somente após a unificação italiana e também, somente após a chegada ao Brasil. Apesar disso muitos estrangeiros ou descendentes de 2º e 3º geração se organizam em dois moldes, ou abraçam a cultura brasileira, querendo assim construir uma brasilidade e não priorizam o pertencimento étnico, ou frequentam sociedades para somente interagir com aspectos da italianidade. Há também os casos chamados de híbridos, que transitam entre os espaços desde os ecléticos como os mais fervorosamente étnicos Brum (2003 p.206). Os elementos que permeiam os imigrantes e o seu sentimento com o local de origem se apresentam em diversos signos como a música e alimentação, conforme declara Conedera

A música para os imigrantes peninsulares – assim como a alimentação (aos moldes italianos da sua cidade de origem) – constituía-se em elemento que integrava e auxiliava nos momentos de dificuldade e nostalgia que os imigrantes sentiam da sua terra de origem. Então, não apenas a música, como os instrumentos musicais (o acordeom, o violino, a flauta, o bandolim, entre outros) tornava-se objeto de necessidade que se revestia em um signo de identidade e pertencimento étnico. (CONEDERA, 2017 p. 145).

Convém enfatizar que a etnicidade serviu como o modo de inserção econômica nas cidades para alguns empreendedores. Os chamados recursos étnicos podem ser a técnica aplicada, os símbolos, o modo de viver, tal como também as relações e estratégias concebidas como redes de contato (SCHMIDT, 2015 p. 89). Logo, os recursos étnicos utilizados pelos indivíduos se referem as condições socioculturais e demográficos de um mesmo grupo (Idem, p. 35).

Por conseguinte, a utilização de recursos étnicos surge como uma forma de resistência e inserção dentro da nova sociedade. No caso estudado o recurso étnico utilizado é o saber fazer a massa alimentícia com a técnica e os conhecimentos da terra de origem. A alimentação é estabelecida como produto de uma memória coletiva, logo utilizá-la como recurso étnico estabelece uma união entre as novas vivências e memórias familiares ou à terra de origem (FRIEDRICH e SOARES, 2014 p. 649).

Comida, músicas, costumes se retiraram do espaço público e a cidade italiana do começo século que muito espantava os viajantes que ali circulavam vai perdendo esse colorido multicultural antes exposto a olho nu. A 2ª Guerra colocou por terra qualquer ímpeto cultural italiano e deixou o País à beira de uma catástrofe que nos anos seguintes estimulou à emigração de novos grupos de italianos, facilitadas pelas políticas italianas depois de 1947. Contudo, o fluxo não foi retomado com a mesma intensidade, mesmo porque se fazia necessário nesse momento atender a uma imposição do governo brasileiro que passou a exigir dos italianos um contrato de trabalho ou uma carta de chamada. Nesta, parentes locais se responsabilizavam pelo novo imigrante se eventualmente precisasse ser sustentado nos primeiros tempos, fato comum uma vez que muitas famílias mantinham contato com seus parentes. (COLLAÇO, 2009 p. 81).

Logo é possível verificar que a coletividade italiana em Porto Alegre, e a exemplo também nas diversas outras cidades se deu a partir de iniciativas destes imigrantes que procuravam novas maneiras para se inserir na sociedade receptora tal como manter características de sua origem, não importando se era as músicas, os dialetos e até mesmo a alimentação.

## Conclusão

Buscou-se neste artigo apresentar brevemente algumas questões referentes as coletividades italianas urbanas

no Rio Grande do Sul. Deve-se assinalar que estas coletividades não estão concentradas apenas em regiões urbanas, encontramos também elas nos contextos coloniais não apenas como associações de mútuo socorro e também escolas étnicas com a função de manter a cultura e língua italiana para com as gerações futuras.

Quanto à Banda Municipal de Porto Alegre, perceber os processos que levaram um grande número de italianos a fazerem parte deste grupo é fundamental para compreender a possibilidade que este encontro pode fazer com que existisse uma iniciativa entre os próprios italianos de permanecer unidos, mais informações referentes a presença italiana na Banda Municipal de Porto Alegre encontra-se na tese de doutorado em história do historiador Leonardo Conedera (2017).

Logo, entender os processos que estes imigrantes se inseriram e assimilar os mecanismos de acesso e perpetuação de sua cultura se torna fundamental para a pesquisa com enfoque nos movimentos migratórios, tanto historicamente quanto sociologicamente.

### Fontes

PAPPALARDO, Maria Graça. Transcrição do depoimento oral. Acervo. Laboratório de Pesquisas em História Oral, Programa de Pós-Graduação em História, PUCRS, Porto Alegre, 2015, p. 01 – 06.

### Bibliografia

ANJOS, Marcos Hallal dos. **Estrangeiros e modernização: a cidade de Pelotas no último quartel do século XIX**. 1996. 127 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1996.

BAO, Carlos Eduardo. **A invenção da italianidade no Brasil: contribuição para um olhar descontínuo**. XXVIII Simpósio Nacional de História. IN: [http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1434420372\\_ARQUIVO\\_BAO,CarlosEduardo\\_AinvencaodaitalianidadenoBrasil\\_ANPUH2015.pdf](http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1434420372_ARQUIVO_BAO,CarlosEduardo_AinvencaodaitalianidadenoBrasil_ANPUH2015.pdf). 2015 p.17

BRUM, Rosemary Fritsch. **Uma Cidade que se conta: Imigrantes italianos e narrativas no espaço social da cidade de Porto Alegre (1920 – 1937)**. 2003. 408 f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003

CAGGIANI, I. 100 Anos de Comércio: Sant'Ana do Livramento 1991. EDIGRAF, 1991.

**CINQUANTENARIO della colonizzazione italiana nel Rio Grande del Sud: 1875-1925**. Porto Alegre: Posenato Arte & Cultura, 2000. v. I-II.

COLLAÇO, Janine Helfst Leicht. **Sabores e memórias: cozinha italiana e a construção da identidade em São Paulo**. 279 p. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo: 2009

CONEDERA, Leonardo de O. **A Imigração Italiana no Pós-Guerra em Porto Alegre: Memórias, narrativas, identidades de sicilianos (1946 – 1976)**. 155 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

CONEDERA, Leonardo. **MÚSICOS NO NOVO MUNDO: A PRESENÇA DE MUSICISTAS ITALIANOS NA BANDA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE (1925-1950)** 278 f. Tese (Doutorado em História - Escola de Humanidades, Pontifícia Universidade Católica, 2017

CONSTANTINO, Núncia Santoro de. **O italiano da esquina: meridionais na sociedade porto – alegrense e permanência da identidade entre moraneses**. Tese de Doutorado em História Social - USP, 1990.

- \_\_\_\_\_. **Italianidade no Brasil Meridional** - A construção da Identidade Étnica na Região de Santa Maria – RS. Santa Maria: Ed. Da UFSM, 2006, p. 256.
- \_\_\_\_\_. **“Imigrantes italianos: partir, transitar, chegar”**. In: Reckziegel, Ana Luiza Setti; AXT, Gunter (Org.). História geral do Rio Grande do Sul. República Velha (1889 – 1930). Passo Fundo: Méritos, 2007. v. 3, p. 395 - 418.
- \_\_\_\_\_. **Estudos de imigração italiana: tendências historiográficas no Brasil meridional**. IN: Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo, julho 2011
- CUSANO, Alfredo. **Il paese dell'avvenire: Rio Grande del Sud**. Roma; Buenos Aires; São Paulo: Editrice L'italo-sudamericana, 1920.
- DALMOLIN, Cátia. **Mordaça Verde e Amarela: Imigrantes e Descendentes no Estado Novo**. Porto Alegre: Ed. Pallotti. 2005 p. 216.
- DE RUGGIERO, Antonio. “Os italianos nos contextos urbanos do Rio Grande do Sul: Perspectivas de pesquisa”. In: VENDRAME, Maíra Ines; KARBURG, Alexandre; WEBER, Beatriz; FARINATTI, Luis Augusto. **Micro-história, trajetórias e imigração**. São Leopoldo: Oikos, 2015.
- DE RUGGIERO, Antonio. **A saudade dos sabores e o comércio étnico dos imigrantes italianos no Brasil (1875 - 1914)** IN: Revista Práxis, Novo Hamburgo | a. 15 | n. 1 | jan/jun 2018 p. 121 - 138.
- FRIDRICH, Fabiana H. SOARES, André Luis Ramos. **Alimentação: o trabalho de preservar e elaborar a Identidade e a memória dos imigrantes alemães na colônia de Santo Ângelo/RS (1850 - 1900)**. Revista Oficina do Historiador, Porto Alegre. p. 641 – 654
- HERÉDIA, Vania B. M. **O mito do imigrante no imaginário da cultura**. IN: MÉTIS: história & cultura – v. 4, n. 8, p. 233-244, jul./dez. 2005
- LUZIVOTTO, Caroline Kraus. **Cultura gaúcha e separatismo no Rio Grande do Sul**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.
- MANFROI, Olívio. **Colonização Italiana no Rio Grande do Sul. Implicações econômicas, políticas e culturais**. Porto Alegre: EST Editora, 2ª edição. 2001, p. 168
- SANTOS, Antônio Augusto Mayer dos. **Prefeitos de Porto Alegre: cotidiano e administração da capital gaúcha entre 1889 e 2012**. Porto Alegre: Verbo Jurídico, 2012. 344p.
- SCHMIDT, Diogo Serafim. **Valores étnicos e empreendedorismo: Estudo sobre a mentalidade empreendedora de descendentes de alemães e italianos no Rio Grande do Sul**. 146 p. Dissertação (Mestrado em Sociologia) Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.
- SMITH, Anderson D. **Identidade Nacional**. Lisboa: Ed. Gradiva, 1997.
- WEBER, Regina. **Imigração e Identidade étnica: Temáticas historiográficas e conceituações**. Revista Dimensões, 2006 vol 18. p. 236 - 250. <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/148537/000644090.pdf?sequence=1>
- ZANINI, Maria Catarina Chitolina. **Um olhar antropológico sobre fatos e memórias da imigração italiana**. Mana, Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, p. 521-547, Oct. 2007. Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-93132007000200009&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132007000200009&lng=en&nrm=iso)>. access on 04 Mar. 2018.

Recebido em 14/07/2020.

Aceito em 13/08/2020.